

MISSÃO DOS ARQUIVOS III

Apresento a Vossa Magnificência o terceiro relatório da missão de pesquisa histórica de que estou encarregado, referente ao período de abril a junho do ano em curso.

Arquivo Geral do Reino da Haia: sem repetir o que já informei no relatório anterior, de que este é a continuação, informo a Vossa Magnificência que concluí o exame dos papéis dos “escaninhos” da Companhia das Índias Ocidentais, do cartório dos Estados Gerais das Províncias Unidas, com a consulta dos de números 21, 24, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 39, 42 e 43 e mais os “escaninhos” de “Papéis particulares” número 83, 85 e 121 e “Papéis de Portugal” números 19, 21, 23 e 25.

Examinei ainda, no mesmo Arquivo, os “Papéis criminais da Corte de Justiça”, maços números 22 a 25, documentos da “Província da Holanda” maços números 1.358, 1.381, 2.834, 2.835 e 4.387. Por fim fiz uma seleção dos principais mapas de interesse pernambucano que tinham deixado de ser copiados por José Bygino, fazendo-os fotografar para a Universidade do Recife, a saber:

Nº 708, mapa do Recife, cerca 1632-33

709, outro, cerca 1633-34

710, outro, assinado por Dierick Ruyters, anterior a 1630

2160, planta do Arraial Velho do Bom Jesus, 1635

2163, mapa do Recife, cerca de 1630

2165, outro, assinado por Johannes van Walbeek, 1632.

O exame de toda esta documentação do Arquivo Geral do Reino foi realizado no prazo de seis meses e abrangeu todos os papéis que ali se conservam de interesse para o Nordeste brasileiro, nos diversos cartórios em que estão subdivididos e posso afirmar que foi sistematicamente feito e foi o mais extenso já levado a efeito por qualquer dos pesquisadores que me antecederam nesse trabalho.

Arquivo da Casa Real (“Koninklijk Huisarchief”) da Haia: devidamente autorizado por Sua Majestade a Rainha Juliana, graças à interferência do Exmº Sr. Embaixador do Brasil, pude examinar este Arquivo, que não está aberto ao público. José Hygino ali estivera em 1886, mas pelos motivos já indicados fez copiar apenas alguns documentos, em especial os relatórios de Gaspar Dias Ferreira e a correspondência do Conde de Nassau a respeito dos quadros por ele oferecidos ao Rei de França.

Os papéis que ali se conservam, de interesse brasileiro, pertenceram ao arquivo particular do Conde de Nassau e formam os códices 1.454 e 1.455, afora outros de menor valia. Contêm uma série muito interessante de editais tendentes a obrigar os senhores de engenho e lavradores de canaviais a plantar mandioca, datados de 1638, 1639, 1640 e 1643; duas cartas muito esclarecedoras subscritas por Comelis S. Golijath, autor de valioso mapa do Recife publicado em 1648, desconhecidas do seu biógrafo Dr. W. S. Unger; vários documentos acerca de uma expedição enviada pelo Conde em 1640 a descobrir as célebres minas de prata de Itabaiana; cartas diversas, em originais, do marquês de Montalvão ao Conde, de 1640 a 1642, de uma das quais se colhe evidência de que o Conde enviou o seu pintor Albert Eckhout em 1641 à Bahia a retratar o Marquês.

Arquivo Municipal (“Gemeente Archief”) de Amsterdam: conservam-se aí os cartórios

notariais da cidade de Amsterdam, isto é, os livros de tabeliães dos séculos XVI a XIX. Sendo Amsterdam a capital dos Países Baixos, a sua principal e mais rica cidade, sede da mais influente “Câmara” da Companhia das Índias Ocidentais, em consequência os seus registros notariais são de grande importância para a história quer local, quer ultramarina. Quase todos os militares, funcionários civis, mercadores etc., ao partir com destino ao Brasil holandês constituíam procuradores na metrópole, faziam testamento, contratavam auxiliares e empregados para o negócio e faziam redigir escrituras de natureza vária. Todos estes elementos, dispersos aqui e ali em muitas centenas de códices, constituem elementos preciosos para a história, sobretudo social e, em especial, econômica, de Pernambuco e do Nordeste. Tais são os documentos que se conservam nos cartórios notariais deste importante Arquivo de Amsterdam.

Evidentemente, muitos informes históricos que esses registros fornecem são de menor importância; ficam-se, por exemplo, a conhecer a naturalidade e idade de várias figuras que se distinguiram durante a ocupação holandesa do Nordeste. Augustus de Quelen, autor de interessante livrinho sobre Pernambuco, era natural da Bretanha e em 1640 contava 35 anos; Roelof Baro, que escreveu valioso relatório sobre os tapuias, era de Amsterdam e de 34 anos em 1644, ano em que casou com Lobberich Wybrants de 28 anos; Jacob Stachhouwer, protetor e grande amigo de João Fernandes Vieira, declara em 1640 ter 44 anos de idade; o almirante Lichthardt, de atuação conhecida, contava 36 anos em 1639, etc. Outros elementos são pitorescos e dão indicação do interesse com que, entre o povo da Holanda, era acompanhado o desenrolar da invasão de Pernambuco: há várias escrituras de apostas em dinheiro com palpites sobre a data em que se renderiam o Arraial Velho, o Forte de Nazaré do Cabo de Santo Agostinho, o Forte da Paraíba etc. Por fim,

elementos de real importância, como sejam escrituras de contratos de oficiais mecânicos holandeses para trabalhar em

Pernambuco. Em 27 de outubro de 1636 Jacob Dasseine e Daniel Couwenburgh contrataram dois carpinteiros de casas para trabalhar no Recife; em 12 de outubro de 1638 o mestre carpinteiro de casas Cornelis Jacobsen admite em seu serviço a dois carpinteiros e um pedreiro para servir em Pernambuco e, o mais interessante, o contrato de um aprendiz feito por Pieter Coninxloo, mestre fabricante de vidro residente no Recife. Coninxloo é nome bem conhecido e fazia parte de uma família de pintores, filho de Hans van Coninxloo (nascido em Antuérpia cerca de 1565 e falecido em Emden em 1620) e irmão de outro Hans (nascido em Emden cerca 1589 e falecido em Amsterdam em data não conhecida). Pieter Coninxloo nasceu em Amsterdam em 1604 e ali faleceu em 1648; permaneceu no Recife desde 1635 até, pelo menos, 1644 (veja-se a seu respeito Ulrich Thieme, *Allgemeines Lexikon der Bildenden Kuenstler von der Antike bis zur Gegenwart*, Leipzig 1912). Não foi Coninxloo o único fabricante de vidro (“glazemaker”) e gravador de vidro (“glaesschrijver”) e talvez pintor de vitrais a trabalhar no Recife: nos documentos holandeses há referência a outros, a saber, Anthony de Later (1643 e 1645) e Jacob Pauwelsen (1644). O emprego de vidro nos edificios públicos e casas de residência do Recife holandês contrasta fortemente com o uso português das gelosias e urupemas, que então prevalecia.

Não me foi possível, porém, fazer um exame sistemático de todos os cartórios notariais de Amsterdam de interesse para a história brasileira, isto é, os dos séculos XVI e XVII, sobretudo; e isto porque foi enorme o número de tabeliães que serviram ali. Basta indicar que no período de 1630 a 1654, em que os holandeses ocuparam o Nordeste brasileiro, houve em Amsterdam 89 tabeliães, cujos cartórios compreendem mais de dois mil volumes. Seria

necessário, portanto, mais de um ano de trabalho para examiná-lo todos; e o rendimento de esforço tão prolongado talvez não fosse compensador.

Limitei minha pesquisa no Arquivo Municipal ao exame sistemático dos códices de dois cartórios de tabeliães, escolhendo os que mais trabalharam para a Companhia das Índias Ocidentais e seus empregados, a saber, os de Joost van de Ven, que serviu de 1633 a 1666 e de Hendrick Schaef, 1636-65, com a vantagem que estiveram ambos em atividade no período de maior prosperidade da colônia holandesa do Brasil, que vai de 1636 a 1645. Consultei, ainda, papéis do tabelião Jan Franssen Bruijningh, de 1593 a 1624, onde se acham referências às primeiras relações comerciais da Holanda com o Brasil, particularmente no que se refere ao tráfico açucareiro.

No Arquivo Municipal de Amsterdam conservam-se os cartórios chamados D.T.B. (das iniciais das palavras holandesas Doop, Trouw, Begraven, isto é, batismo, casamento e enterramento), que correspondem aos arquivos paroquiais do mundo luso-brasileiro e satisfazem ao grande interesse que ali existe pelos estudos genealógicos. Das coleções referentes ao século XVIII há índices alfabéticos em fichas, que facilitam a pesquisa; do século XVII, porém, conservam-se listas anuais de batismo, óbitos e casamentos, pelo que a pesquisa é extremamente morosa e de pouco rendimento, visto que não se sabe, da grande maioria dos holandeses do Brasil, onde nasceram, casaram e morreram e naquele Arquivo existem apenas os da cidade de Amsterdam (e não de todo o país). Ainda assim consegui localizar a certidão de casamento de Roelof Baro, já referido.

Ainda no Arquivo Municipal encontram-se depositados os arquivos da Comunidade Portuguesa-Israelita de Amsterdam, compreendendo papéis desde fins do século XVI. Infelizmente muito incompletos, ainda assim são bastante ricos, pois ali se guardam livros de receita e despesa das comunidades Beth Jacob de 1597 e 1639, Neve Shalom, 1608-39, Beth Israel, 1618-39 e Talmud Torah, 1639 até hoje. Entretanto os elementos interessando o Nordeste brasileiro são raros e de apenas duas das Comunidades conservou-se o Livro de Termos do Kahal Kadosh: a de Beth Israel, 1619-39 e Talmud Torah, 1638-80. O original do Livro de Termos das Comunidades Portuguesa-Israelita do Recife e Maurícia durante a dominação holandesa, que já foi publicado pelo Dr. Arnold Wiznitzer, aí se guarda (códice 363).

Arquivo da Comunidade Reformada de Amsterdam. Como o Arquivo Municipal, antes referido, este Arquivo da Comunidade Reformada ainda não tinha sido objeto de pesquisa por investigador brasileiro. Conservam-se ali vários papéis avulsos, cartas, certidões de visitas a igrejas reformadas do Brasil holandês, contas de distribuição de tecidos aos indígenas, etc. Existem ainda registros de consultas feitas de Pernambuco a teólogos de Amsterdam acerca de pontos de doutrina e prática religiosa. Um problema que nestes documentos encontra amplos elementos, é o relativo à publicação de um livro de catecismo reformado para uso dos indígenas do Brasil. O assunto interessa-me há anos e o que pude recolher a respeito divulguei em *Tempo dos Flamengos*. Aí refiro que o livrinho fora publicado em Enkhuizen em 1643. Consegui agora obter o título completo, *Corte onderwijsinge der Christelijcke religie* (Instrução breve da religião Cristã), redigido em holandês, português e tupi, ao que parece por David van Doerslaer, ministro em Pernambuco, cujo pai, também ministro e morador em Enkhuizen, Abraham van Doerslaer, encarregou-se da impressão. Falta agora encontrar um exemplar do livrinho, pois nenhum até hoje foi ainda revelado. Solicitei a colaboração da Biblioteca da Universidade de Amsterdam, que gentilmente prometeu empreender pesquisas nas bibliotecas do país.

Arquivo da Universidade de Leiden: obtive aí microfilme do manuscrito seiscentista dos

“Diálogos das Grandezas do Brasil”, de tanta importância para a história do Nordeste.

A minha permanência na Holanda, com o trabalho nos cinco arquivos citados e ensino de História do Brasil na Universidade Governamental de Utrecht, prolongou-se por oito meses, até o fim de maio do corrente ano. No mês de junho transferi-me para a Espanha para prosseguir ali as pesquisas.

Biblioteca Nacional de Madrid: examinei aqui vários manuscritos e impressos, nenhum, porém, de grande importância. Conserva-se aqui uma coleção de mapas de várias capitanias do Brasil, inclusive um do Recife, de cerca de 1635-36 (códice 7.121).

Real Academia da História de Madrid: a coleção de papéis dos Jesuítas (cujo catálogo foi organizado por Rodrigues Moñino) encerra alguns papéis de importância para a história pernambucana, entre os quais um impresso (aliás incompleto) dirigido ao Rei da Espanha pelos Jesuítas no qual se apontavam os serviços que prestaram à coroa no Brasil durante a luta contra os holandeses, cuja impressão teria sido interrompida (ao que presumo) pela Restauração da monarquia portuguesa em dezembro de 1640.

Arquivo Geral de Simancas: localizado em uma aldeia a 15 km de Valladolid, em um velho castelo restaurado em fins do século XVI, para nele ser instalado o principal arquivo de Castela. Aí está, do ponto de vista da história do Nordeste, o mais importante acervo de documentação de interesse para essa região brasileira. Falta-lhe, porém, certo conforto, sobretudo para a época de inverno, isto é, aquecimento adequado e boa iluminação (há apenas pequenos candeeiros elétricos nas mesas, mas não rede geral no edifício), pelo que a maioria dos pesquisadores o procura na época de verão, aproveitando-se, ainda, da prorrogação do horário de trabalho, que no inverno é das 10 às 13,30 horas e no verão das 10 às 20 horas. Assim o fiz também, pois estava retido na Holanda até o mês anterior. Infelizmente, pouco antes tinham sido iniciadas extensas obras de construção de estantes incombustíveis para abrigar parte importante do arquivo e várias seções estavam cerradas a consulta.

A parte de interesse para o investigador da história do Nordeste brasileiro é sobretudo a das seções “Secretaria de Estado”, “Secretarias Provinciais”, “Livros inconexos” e “Guerra antiga”; as três primeiras estavam abertas, mas a quarta estava cerrada, o que muito lamentei. Entretanto os elementos recolhidos nos 87 códices das “Secretarias Provinciais” são de grande importância e todos inéditos, pois nenhuma pesquisa havia sido aí feita neste século por brasileiro do Nordeste.

Os papéis das “Secretarias Provinciais” estão divididos em “Consultas” e “Decretos” e, em geral, em sofrível estado de conservação. São na sua grande parte da época em que a coroa de Portugal esteve unida à da Espanha, de 1580 a 1640. O que neles diz respeito a Pernambuco é de importância inegável para a história.

Evidencia-se, por exemplo, assombroso desconhecimento do Rei e dos seus ministros da exata situação econômica da Espanha e de Portugal: daí as ordens para a organização de armadas para restaurar Pernambuco do domínio holandês que nunca puderam ser cumpridas; ou, quando o foram, nunca com efetivos ou nas épocas determinados. Assim, em julho de 1633 ordenou Felipe III que se aprestasse uma armada de vinte navios de socorro ao Brasil, sob o comando de D. Fadrique de Toledo; a esquadra, muito reduzida em número, só sairia de Lisboa em setembro de 1635 sob outro comando, com as tropas de desembarque sob a chefia de D. Luís de Rojas y Borja.

Por outra parte, causa assombro a eficiência do serviço espanhol de espionagem a funcionar dentro da própria sede do Conselho dos XIX da Companhia das Índias Ocidentais na

Holanda. Em carta datada de Madrid 7 de maio de 1629 o Rei escreveu ao Arcebispo Governador de Portugal informando-o de que os holandeses estavam a aprestar uma armada que se dirigiria a Pernambuco “com intento de lhe dar os assaltos pela barra e pelo porto do Pau Amarelo”, como de fato veio exatamente a ocorrer.

Outros documentos igualmente interessantes pude ainda localizar aí: a instrução que foi dada a Matias de Albuquerque em 25 de maio de 1629 para exercer os cargos de superintendente da guerra da Capitania de Pernambuco, de visitador e fortificador das Capitâneas do Norte e uns papéis de 1620 sobre certo Gaspar Lopes Coelho, que se diz “primeiro inventor e engenheiro de engenhos de três paus que se fizeram em todas as Capitâneas do Brasil” e hábil para “saber situar engenhos de toda sorte e conhecer as terras capazes de dar açúcares e assim de fabricar fortalezas, reparos de artilharia, igrejas, mosteiros e todos os mais edificios necessários” a uma cidade.

Sirvo-me da oportunidade para apresentar a Vossa Magnificência os meus respeitosos cumprimentos.

Fonte: MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Diário de Pernambuco**. Recife, 4 e 11 mai., 1958.